

ADIRSON DE BARROS

Descrédito externo

Economia Brasil

13 ABR 1993

1) Caixa zero. Credibilidade zero. Esta é a dramática situação da economia brasileira e da atual administração econômica no plano externo.

2) As autoridades econômicas pressionam no momento os bancos internacionais, nossos credores, para a obtenção de novo empréstimo de emergência de, no mínimo, US\$ 5 bilhões, confirmando a informação publicada nesta coluna quando os dirigentes da política econômica negavam, há dois meses, que o Brasil precisasse recorrer novamente, este ano, ao mercado financeiro. Hoje, está provado, as autoridades não estavam dizendo a verdade.

3) Esse empréstimo de emergência destinar-se-ia a compor a nossa caixa que está a zero: reservas externas sem um centavo de dólar e os grandes bancos americanos cobrindo os buracos da agência do Banco do Brasil em Nova Iorque todo fim de tarde; destina-se igualmente a pagar os juros da dívida externa, evitando-se, assim, a moratória total, que seria o colapso do País. Pois a história das amortizações da dívida já está sendo praticada desde janeiro, quando o governo declarou a impossibilidade de pagar a curto prazo a dívida vencida e a vencer este ano.

4) Posso informar que os grandes bancos americanos e europeus, além dos japoneses, não estão dispostos a conceder novo empréstimo de emergência ao Brasil. Apesar das pressões do governo americano e do presidente do Federal Reserve dos EUA, Paul Volcker, diretores de bancos internacionais confienciaram a este colunista, há poucos dias, que a economia brasileira está doente e isso se deve fundamentalmente a má administração econômica do País. A credibilidade das autoridades que comandam a política econômica está a zero junto à sociedade brasileira; e no mesmo patamar entre a comunidade financeira internacional. São fatos.

5) Os diretores dos grandes bancos internacionais credores conhecem perfeitamente a situação econômica do País e já sabem que não existe a possibilidade de atingirmos a meta do superávit de US\$ 6 bilhões no final do ano, conforme acordo com o FMI. Sabem também os banqueiros que o superávit de US\$ 514 milhões de março é falso, porque foi resultado das duras restrições às importações, e não do desempenho das exportações. Para provar isso basta dizer que a Petrobrás reduziu em US\$ 300 milhões (de US\$ 800 em fevereiro para US\$ 500 milhões em março, em números redondos) as importações de petróleo, reduzindo seu estoque estratégico de dois meses - como era antigamente - para apenas 20 dias. Isso é possível dado o excesso de oferta de óleo no mercado internacional.

6) Concluem, assim, os banqueiros, que a meta dos US\$ 6 bilhões no final do ano é impossível. Pois esses US\$ 300 milhões que o País economizou com petróleo em março, e que produziram o superávit tão festejado (indevidamente) nos escalões econômicos de Brasília, alguns mal informados sobre a verdade porque se nutrem de informações em fontes poluídas, aparecerá inevitavelmente nos próximos meses, quando a Petrobrás terá de refazer seu estoque de óleo.

7) Neste caso está furado o projeto brasileiro apresentado aos banqueiros em dezembro passado. De acordo com esse projeto o País precisaria de uns US\$ 14 bilhões a mais este ano. Na verdade precisaremos de uns US\$ 19 bilhões a US\$ 20 bilhões, havendo um déficit de US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões a ser coberto por novos empréstimos externos. Só que os banqueiros não estão dispostos a esse novo esforço para ajudar um País que julgam mal administrado na sua economia e cujos administradores econômicos já não merecem a confiança da comunidade bancária internacional.

- DOIS PONTOS -

O ministro da Fazenda nega-se a adotar as medidas preconizadas pelo mestre Bùlhões para eliminar a inflação e afirma que a inflação cairá (base metafísica), "bastando esperar mais um pouco". A sociedade espera há três anos que se cumpra esse vaticínio de S. Exa. Esperará até o ano 2000? As mesmas autoridades que querem acabar com a inflação lançam no mercado mais Cr\$ 800 bilhões de ORTN (que é a moeda corrente do País). Isso para cobrir seu eterno déficit público, que o Governo se nega a reduzir substancialmente. Essa emissão nova de ORTN significa pressão sobre os juros, elevando-os. E mais inflação. Prova-se assim que é o Governo que faz a inflação e eleva os juros. Com essa emissão o Governo raspa o dinheiro dis-

ponível no mercado e prejudica os títulos estaduais, que não têm condições de concorrer com as ORTNs. Mais sacrifícios para os Estados. ● Comenta-se no Itamarati que o embaixador Sérgio Correa da Costa está numa posição irregular: há quatro meses no Rio, percebendo US\$ 10 mil mensais para fazer sua campanha para a academia. Indagam diplomatas o que o Itamarati tem a ver com as pretensões imortalizantes do embaixador. Nada. Trata-se de assunto particular. O embaixador usa, assim, o cargo ora vago em Nova Iorque para pressionar acadêmicos-eleitores e faz concorrência desleal com seus adversários também candidatos, que não dispõem do cargo de embaixador, nem de US\$ 40 mil para fazer a campanha para a academia.